



Dark Web e seus não lugares: por um estudo das dobras invisíveis do ciberespaço

The Dark Web and its non-places: towards a study of the invisible folds of cyberspace

Richele Grengre Vignoli*

Silvana Drumond Monteiro**

RESUMO

Existe no ciberespaço uma *web* escura e escondida denominada Dark Web. Nesse viés, objetivou-se associar a Dark Web aos não lugares no ciberespaço e com o objetivo de caracterizar as dobras invisíveis do ciberespaço e investigar as especificidades da Dark Web em relação à definição e os seus não lugares, de acordo com os preceitos de Augé (2012) e Bauman (2001). O estudo teve natureza básica com delineamento documental e abordagem qualitativa, e o método dedutivo formal foi utilizado por meio de um *corpus* teórico a partir do conceito de não lugares. A Dark Web foi discutida como a dobra mais profunda e escura do ciberespaço. O mapa conceitual a respeito da Dark Web visou demonstrar as associações conceituais, identificando-a com os atributos de não lugares – tais como a falta de identidade, relação e historicidade – com as dobras invisíveis da Dark Web. Também se destacou a falta de civilidade, de interação humana e a característica de ser um lugar de passagem. Acredita-se que os resultados alcançados com este estudo possam contribuir com a ciência da informação e ampliar horizontes para outras pesquisas a respeito da temática, que é inédita no

ABSTRACT

The dark and hidden portion of cyberspace is known as the Dark Web. From this perspective, the aim is to associate the Dark Web with non-places in cyberspace, aiming to characterize the invisible folds of cyberspace and investigate the Dark Web's specificities regarding its definition and its non-places, according to the precepts of Augé (2012) and Bauman (2001). This study was based on research of the relevant literature and qualitative methodology. Formal deductive methods were taken from the theoretical corpus and concept of non-places. The Dark Web has been discussed as the deepest and darkest fold of cyberspace. The proposed conceptual map regarding the Dark Web intended to demonstrate conceptual associations, identifying it with the non-places characteristics, such as lack of identity, lack of relationship and historicity within the invisible folds of the Dark Web. Its lack of civility, human interaction, and the characteristic of being a place of passage were some of the highlighted features. It is believed that the results obtained with this study may contribute to information science and broaden horizons for further research on the

* Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI/UDEL, professora do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Estadual de Londrina. Endereço: Universidade Estadual de Londrina, rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445, km 380, CEP 86057-970 Londrina, Pr. Telefone: (043) 96890294. E-mail: rivignoli@gmail.com.

** Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, professora associada do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Estadual de Londrina. Endereço: Universidade Estadual de Londrina, rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445, km 380, CEP 86057-970, Londrina, Pr. Telefone: (043) 9106-5150, E-mail: silvanadrumond@gmail.com.

Brasil.

Palavras-chave: Dark Web; Web Invisível; Dobras do Ciberespaço; Não lugares; Representação do Conhecimento e da Informação no Ciberespaço.

subject, which is unprecedented in Brazil.

Keywords: Dark Web; Invisible Web; Cyberspace Folds; Non-places; Knowledge and Information Representation in Cyberspace.

INTRODUÇÃO

Em um contexto atual e intrínseco da pós-modernidade, problemas contemporâneos existentes no ciberespaço passam a fazer parte de uma sociedade de sujeitos híbridos e cada vez mais conectados.

Assim como na ficção e no enredo futurístico e perturbador apresentado em *The Matrix* (1999), há também uma realidade praticamente desconhecida pela maioria das pessoas no ciberespaço. Esse mundo ou universo paralelo existe e acontece na dobra mais invisível do ciberespaço, em uma *web* escondida, escura, *underground* e profunda:¹ a Dark Web.

Dessa forma, a *web* em que todas as pessoas navegam ou, ainda, a única aparentemente existente é caracterizada na literatura científica, por *web* visível, da superfície (Surface Web) (BECKETT, 2009) ou indexável, a que todos veem e utilizam. Por isso, assim como em *The Matrix* (1999), há uma realidade paralela repleta de devires e de potencialidades desconhecidas pela maioria das pessoas que está presente na *web* invisível e, mais precisamente, na Dark Web.

Assim, há no ciberespaço diversas *webs*, que formam dobras que se desdobram na formação de outras, como a Dark Web, que é uma dobra da *web* invisível e/ou uma dobra do ciberespaço. A “dobra”, conceito deleuziano (DELEUZE, 2007) inspirado pela filosofia de Leibniz, é explicitado por Monteiro (2013) para a topografia do ciberespaço, e significa união ou implicação do signo e por desdobra a explicação ou sentido. No ciberespaço, as dobras são as ramificações entre as *webs*. Dentre as diversas dobras do ciberespaço, este artigo pretendeu contextualizar a Dark Web, compreendida como uma internet escura.

Invariavelmente, a distinção entre internet, *web* e ciberespaço se faz profícua para a discussão acerca da Dark Web e suas especificidades, como os não lugares.

A saber, a internet representa os computadores, as máquinas ligadas ou interligadas em rede, ou seja, a rede mundial de computadores (CASTELLS, 2004). Vale destacar que essa rede é física, possível por meio de tecnologias mecânicas. Portanto, no contexto da internet, as redes significam que computadores estão ou podem estar conectados uns aos outros, o que permite comunicação por quem os opera.

Já a World Wide Web ou *web* pode ser compreensível por meio da navegação, do sugimento dos *hiperlinks* de Tim Berners-Lee na década de 1990, pelos hipertextos de Ted Nelson em 1968 e pelo Memex de Vannevar Bush em 1945 (CASTELLS, 2001). Os *hiperlinks* de Berners-Lee, juntamente com a utilização das linguagens em HTML para

¹ Apesar de os termos serem utilizados como sinônimos, algumas conotações diferentes podem ser encontradas na literatura, como por Bergman (2001) e Sherman e Price (2001).

a construção de *sites online*, fazem da *web* a principal dobra do ciberespaço (MONTEIRO; FIDÊNCIO, 2013) ou o seu principal edifício.

No entanto, se um sujeito está em conexão com a internet e desliza de página à página na *web*, isto é, por meio de *hiperlinks*, esse indivíduo ocupará automaticamente algum espaço virtual, o ciberespaço. Um espaço que não é concreto ou tangível, mas potencialmente existente em interação nesse universo simbólico. Monteiro (2007, p. 6), ao abordar o ciberespaço, explica que “Esse universo não é irreal ou imaginário, existe de fato, e o faz em um plano essencialmente diferente dos espaços conhecidos”.

Santaella (2004, p. 43) apresenta um conceito bastante objetivo para o ciberespaço: “Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede”. Nesse sentido, quando um sujeito decide navegar na internet, vivenciará o ciberespaço, quer queira ou não, quer saiba disso ou não. Essa tríade (internet, *web* e ciberespaço) tem como objetivo final a comunicação, a interação entre homens e máquinas, porém de forma híbrida, fluída, e, em tese, uma superação de pensamentos dicotômicos e maquinaístas.² Entretanto, a Dark Web representa uma dobra do ciberespaço normalmente desconhecida e muitas vezes utilizada para atos ilícitos.

Para Monteiro e Fidêncio (2013), a Dark Web é o continente mais verdadeiramente escuro do ciberespaço ou, ainda, o mais escondido. Segundo os autores, essa *web* representa a “Rede global de usuários e computadores que operam à margem da visibilidade e das agências fiscalizadoras.” (MONTEIRO; FIDÊNCIO, 2013, p. 43). Na prática, os sujeitos e seus computadores não podem ser rastreados na Dark Web.

Entretanto, assim como a Dark Web que está na dobra invisível do ciberespaço, muitas vezes a obscuridade da invisibilidade de uma *web* acontece por motivos alheios à ilegalidade ou à intenção de anonimato, como por exemplo:

- incapacidade do indexador ou do motor de busca na varredura das informações;
- falta de patrocínio ou publicidade;
- páginas com acesso restrito e possível por meio de senhas, assinaturas ou *logins*;
- restrições tecnológicas, entre outros (MONTEIRO; FIDÊNCIO, 2013).

Como visto, em muitos casos, uma *web* não é encontrada ou “acessada” por motivos alheios à ilegalidade. Ademais, ressalta-se que assim como na *web* visível, a amplitude temática é constante nas páginas de uma *web* com características de invisibilidade, como a Dark Web. De acordo com Beckett (2009), a *web* invisível pode conter de 5 a 100 vezes mais informações que a *web* da superfície (visível ou indexável), dado que por si só justifica e instiga a pesquisa na CI (ciência da informação).

Em sua gênese, a Dark Web foi resultante de um estudo acadêmico que previa uma internet que operasse de forma invisível aos rastreamentos comuns na superfície. Assim, essa *web* foi idealizada para que houvesse liberdade de expressão e o intercâmbio de informações de forma livre e não rastreável (MONTEIRO; FIDÊNCIO,

² O conceito de maniqueísmo é representando quando se “Admite dois princípios: um do bem, ou princípio da luz, e outro do mal, ou princípio das trevas [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 654), o que significa as relações entre o bem e o mal.

2013). De qualquer forma, as potencialidades acadêmicas dessa *web* evidentemente existem e persistem.

Espaços não explorados ou desconhecidos, e principalmente, irastreáveis, podem ser também definidos sob a ótica do conceito de não lugar de Augé (2012, p. 98), em que na realidade “[...] os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja”. Assim, os não lugares podem ser qualquer lugar e lugar algum, e se há a impossibilidade de rastreamento do ambiente virtual, o lugar é um não lugar em sua essência.

Ainda segundo Augé (2012), os não lugares nunca estão prontos e sempre estão no presente. Características que correspondem a ambientes pós-modernos e totalmente fluidos e versáteis, desterritorializados e desconstruídos, como os não lugares da Dark Web.

Bauman (2001, p. 119) explica que os sujeitos dos não lugares são sempre solitários, e que “Os residentes temporários dos não-lugares são possivelmente diferentes, cada variedade com seus próprios hábitos e expectativas; e o truque é fazer com que isso seja irrelevante durante sua estadia”. Residentes temporários, porque o próprio não lugar é efêmero e volátil, e seus visitantes podem ser qualquer pessoa, já que não há identidade, como ocorre com frequência na Dark Web.

Um não lugar pode ser um pedágio, um supermercado, uma praça, um *locus* no ciberespaço, um lugar em que não há identificação ou em que essa é realizada sem atenção, passageiros são todos passageiros, e assim sucessivamente. Um não lugar não será um não lugar para todas as pessoas e as sensações advindas desse lugar, também não (BAUMAN, 2001). Sob esse ponto de vista, os não lugares podem ser físicos ou virtuais, visitados ou apenas idealizados, e sempre individuais.

A partir das conceituações explicitadas, partiu-se da premissa que a Dark Web é uma dobra em potencial para estudo e exploração acadêmica e respectivamente para o construto da CI. Assim, em pesquisa de mestrado, questionou-se que tipo de espaço representa essa *web* e o que há de conteúdo informacional nesse ambiente, mas o que será reportado neste artigo será o conceito de não lugar estudado no ambiente, com intuito de verificar a sua onipresença.

Em busca realizada no Google Scholar e Google Acadêmico em 2013 e 2014, pelo termo *Dark Web*, pouquíssimos artigos são recuperados. Como há quase sempre uma qualidade destrutiva relacionada ao uso da Dark Web, a sensação é que o assunto não deva ser recuperado/discutido/pesquisado e, principalmente, “acessado”.

Em outra busca realizada nos Diretórios dos Grupos de Pesquisa do Brasil alocados no CNPq em 2013 e 2014, não foram encontrados grupos de pesquisa ou, ainda, quaisquer tipos de estudos acerca da Dark Web e, em especial, com sua relação na CI. Também não foi possível, no mesmo período, encontrar pesquisas ou publicações acerca da Dark Web nos periódicos com maior visibilidade no Brasil e com Qualis A1: *TransInformação*,³ *Informação e Sociedade: estudos*⁴ e *Perspectivas em Ciência da*

³ Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/index>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

⁴ Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/index>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

Informação.⁵ Em 2013 e 2014, buscas por artigos científicos também foram realizadas no Portal Capes, e o pouco material encontrado, que disserta basicamente acerca de terrorismo, foi a principal base literária para esta pesquisa.

Nesse sentido, pretendeu-se contribuir com a literatura científica a respeito do ciberespaço e sua dobra na Dark Web, seus não lugares e suas características por meio dos resultados do referido estudo.

AS DOBRAS INVISÍVEIS DO CIBERESPAÇO

As dobras invisíveis constantes no ciberespaço representam camadas significativas em relação à profundidade e conteúdo que da mesma forma constituem a *web* invisível. A *web* invisível ou profunda é representada por diversas outras dobras que se desdobram em várias *webs* escondidas no ciberespaço, mas apresenta, na literatura científica, um embaralhamento semântico expressivo, sendo, muitas vezes utilizada como sinônimo de Dark Web. Para dirimir essas questões, alguns conceitos são apresentados a seguir.

Em 1994, o Dr. Jill Ellsworth cunhou o termo “*web* invisível” para designar conteúdos que os mecanismos de busca tradicionais não conseguiam recuperar (apud BERGMAN, 2001). Bergman (2001), entretanto, nomeia a dobra escondida do ciberespaço por “Deep Web” (*web* profunda) e a *web* visível como “*web* da superfície”; e Sherman e Price (2001) por “Invisible Web” (*web* invisível).

Na concepção de Sherman e Price (2001), faz-se necessário esclarecer que o adjetivo “invisível” é utilizado para denominar uma situação de invisibilidade temporária, mas que pode ser permanente. Movido pela mesma invisibilidade provisória, Bergman (2001) escolhe a expressão “*web* profunda”. Apesar de muito difundida em todo o ciberespaço como uma camada repleta de teor sujo e imensamente profundo, a *web* profunda a que Bergman (2001) se propõe a pesquisar tem o mesmo significado que a *web* de Sherman e Price (2001), uma *web* invisível ou, ainda, não indexada.

Dessa forma, a *web* invisível é definida por Sherman e Price (2001, p. 57, tradução nossa) por:

Páginas de texto, arquivos ou outras informações fidedignas de alta qualidade disponíveis pela Word Wide Web, que os motores de busca gerais não podem, devido a limitações técnicas, ou não poderão, devido a escolhas deliberadas, adicionar no índice de suas páginas da *web*. Algumas vezes também conhecido como Deep Web ou Dark Matter.

Bergman (2001, não paginado, tradução nossa) por outro lado explica como são formadas as dobras invisíveis da *web*:

Em primeiro lugar, embora às vezes usados como sinônimos, a World Wide Web (protocolo HTTP) é apenas um subconjunto de conteúdo da internet. Outros protocolos de internet, além da *web* incluem FTP (protocolo de transferência de arquivos), *e-mail*, notícias, Telnet e Gopher (mais proeminente entre os protocolos pré-*web*).

⁵ Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

Outros autores definem a *web* invisível, como Yanbo e Horowitz (2005, p. 249, tradução nossa), na qual “A *web* invisível se refere a uma vasta coleção de informações que estão acessíveis na Word Wide Web, mas não são indexadas pelos motores de busca convencionais”. Já para Ford e Mansourian (2005, p. 584, tradução nossa), “A *web* invisível consiste em material que os motores de buscas gerais não podem ou não têm intenção de indexar”.

Em síntese, os autores concordam que a invisibilidade da *web* está associada à decisão dos mecanismos de busca e seus administradores em indexar ou não certos conteúdos. Outro ponto importante é que o conteúdo invisível permanece nessa situação até que seja indexado e então localizado, visualizado ou “acessado” pelo sujeito que realiza uma busca.

Para que o entendimento da *web* invisível seja esclarecido, é necessário enfocá-la sob dois aspectos: o primeiro pela falta de indexação de informações que seriam facilmente indexadas pelos mecanismos de busca; e o segundo no ponto de vista do sujeito que literalmente não vê ou não sabe que informações são suprimidas e que para ele se tornam, dessa forma, invisíveis. Nessa direção, Araújo (2012, p. 2) expõe que “[...] podemos dizer que parte do conteúdo existente na *web* está mesmo invisível, mas apenas para os motores que são incapazes de encontrá-lo”.

Franco (2013, p. 5, grifo do autor) que utiliza o termo “*web* profunda” principalmente para descrever conteúdos da Dark Web, explica que:

A Deep Web é considerada a camada real da rede mundial de computadores, comumente explicada em analogia a um *iceberg*: a internet indexada, que pode ser encontrada pelos sistemas de busca, seria apenas a ponte superficial, a “*surface web*”.

Para Sherman e Price (2001), a *web* invisível consiste no conteúdo que tem sido excluído pelos mecanismos de busca gerais e pelos diretórios da *web*. No entanto, os autores elucidam que não é fácil definir o que é invisível na *web*, principalmente porque muitos dos conteúdos invisíveis poderiam ser incluídos nos índices dos mecanismos de busca, mas não são. Outra razão está vinculada com a dificuldade em indexar informações sob diversos formatos em bases de dados especializadas. Segundo Araújo (2012), a diversidade de formatos e conteúdos hiperlinks das páginas dificulta a varredura e recuperação da informação por mecanismos de busca que só indexam texto.

De modo sumário, páginas não indexadas ou não recuperadas por robôs de busca constituem a *web* invisível. Basicamente, se uma página não tem um *hiperlink* que aponte para ela, um robô não consegue identificá-la em sua varredura (BRANSKI, 2004), o que dificulta ou impossibilita a sua recuperação e representará uma informação invisível.

Bergman (2001) explica que os mecanismos de busca tradicionais criam seus índices nas páginas da superfície ou, ainda, na *web* visível. Se a indexação é realizada somente pela *web* da superfície, será uma indexação superficial.

Para Franco (2013, p. 5, grifo do autor) “A Deep Web é a camada da internet que não pode ser acessada através de uma simples ‘googlada’”.

De todo modo, há diversos motivos pelos quais os mecanismos de busca são destinados a não indexar conteúdos, como os custos que envolvem uma indexação mais profunda. Muitos motivos justificam a ineficiência do buscador e a falta de indexação dos conteúdos invisíveis e profundos, tal como a efemeridade de

informações – por exemplo, os horários de voos, que são dados que se alteram a todo o momento e que dificultam a indexação (SHERMAN; PRICE, 2001).

Outro impedimento para a indexação de conteúdos, segundo Araújo (2012, p. 2), é que a *web invisível* é “[...] composta principalmente de bancos de dados aos quais o acesso é permitido apenas mediante pagamento e/ou inscrição. Por serem guardados em diretórios protegidos por senha, eles se encontram fora do alcance dos motores de busca”.

Nesse contexto, Sherman e Price (2001) demonstram tipos de materiais que podem ser desprezados na indexação pelos mecanismos de busca, e explicam também as razões que podem tornar essas informações invisíveis.

Quadro 1 – Tipos de conteúdo invisíveis.

Tipo de Conteúdo Invisível	Porque São Invisíveis
Páginas desconectadas.	Nenhum <i>hiperlink</i> para rastrear e localizar a página.
Páginas que consistem principalmente em PDF, PostScript, Flash, Shockwave, executáveis (programas) ou arquivos comprimidos (.zip, .tar, etc.).	Tecnicamente indexáveis, mas usualmente ignorados, principalmente por motivos comerciais ou por políticas de exclusão.
Conteúdo em base de dados relacionais.	<i>Crawlers</i> não podem preencher os campos necessários em formatos interativos.
Conteúdo de tempo real.	Dados efêmeros, quantidades enormes, informação rapidamente modificada.
Conteúdo gerado dinamicamente.	Conteúdos customizados são relevantes para a maioria das buscas; medo das “armadilhas dos <i>spiders</i> ”.

Fonte: Sherman e Price (2001, p. 63, tradução nossa).

Como visto em Sherman e Price (2001), muitas informações da *web invisível* poderiam ser facilmente indexadas pelos mecanismos de busca, essencialmente porque, segundo os autores, há nesses casos apenas impedimentos técnicos.

Se o bem mais cobiçado da Era da Informação é a informação, então o conteúdo da *web profunda* é imensurável, como declara Bergman (2001) em sua pesquisa, pois existe grande quantidade de bases de dados na *web profunda*. A principal constatação da pesquisa de Bergman (2001) é que 95% dos sites da *web profunda* são gratuitos, o que acentua ainda mais os prejuízos para qualquer sujeito que busca por informações na *web*.

SOBRE OS NÃO LUGARES DE AUGÉ E BAUMAN

Para desmitificar o conceito de não lugar, breves nuances entre espaço, lugar e não lugar se fazem necessárias para elucidar a argumentação que se pretende sobre a Dark Web.

Para Santaella (2007), espaços representam muitas coisas, como os que os humanos experimentam ao estarem em um espaço qualquer: o mar, as ruas, entre outros. Espaços podem ser também primitivos ou perceptivos, como os de direcionamentos, distância espacial ou processo de percepção do homem e dos animais. Há também, para a autora, espaços destinados à existência, ao aspecto cognitivo e abstrato, além dos espaços arquitetônicos, hipermóveis, os não lugares e os espaços *ciber*: o espaço *ciber*, cibernético, o próprio ciberespaço. Espaço para Santaella (2007) existe, mas não é materializado. Em especial, trazemos o conceito de “não lugar” de dois autores, Augé e Bauman, para, posteriormente, relacioná-lo à Dark Web, conforme o propósito deste artigo.

Não lugar para Augé

O espaço tem sentido abstrato de um acontecimento que ocorreu ou de um mito, ou de um lugar histórico (AUGÉ, 2012). Espaços são aplicados também a uma extensão, uma distância entre duas coisas ou dois pontos ou, ainda, a um estado temporal, como no espaço de uma semana (AUGÉ, 2012).

O espaço é “[...] portanto eminentemente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje, um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado na língua corrente e nas linguagens particulares de certas instituições representativas do nosso tempo” (AUGÉ, 2012, p. 77-78). Para o autor, denominações são desenvolvidas para espaços diversos como: espaço aéreo, espaço judicial, espaço publicitário, espaços destinados a encontros e/ou a espetáculos, espaços verdes, entre outros que demonstram a vida contemporânea. Sob esses aspectos, espaços podem ser qualquer lugar, criados sob algum lugar, ou seja, primeiramente devem ser, e são, um lugar abstrato.

Lugares “[...] são como indicadores do tempo que passa e que sobrevive. Perduram como as palavras que os expressam e ainda os expressarão” (AUGÉ, 2012, p. 73). Lugares estão em toda parte, existem e muitos ainda existirão, são materializados. Lugar significa o mesmo que “[...] lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico [...]” (AUGÉ, 2012, p. 74); ou seja, um lugar possui características comuns com os homens que o habitam.

Ao definir um não lugar, Augé (2012, p. 73) acentua que “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar”. Desse modo, em não lugares, não haverá elementos identitários, relações ou traços históricos acerca deles mesmos e em relação aos seus visitantes.

Ainda para o autor, não lugares não integram lugares antigos e que não sejam lugares antropológicos. É como se os não lugares não tivessem história, em essência, eles não a possuem, porque não lugares são frutos do presente, do atual, do momentâneo. Em uma sociedade pós-moderna, Augé (2012, p. 74) insere e contextualiza a predominância presencial dos não lugares:

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados [...].

Um mundo que de acordo com os preceitos de Augé (2012) está prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero. Um mundo que devido às suas vicissitudes, sejam elas socioeconômicas, culturais ou supermodernas,⁶ vê-se instável, pungente e acelerado. No mundo pós-moderno ou atual, tudo está em constante mudança, alteração, transição, e esvaziado de sentidos ou significados.

Para tornar visível onde os não lugares podem acontecer, Augé (2012) demonstra alguns exemplos, como:

- no transporte: em aviões e/ou suas vias aéreas; trens e/ou suas vias ferroviárias; ônibus e/ou suas vias rodoviárias; os aeroportos e as estações;
- na hospedagem: nas grandes cadeias de hotéis;
- no lazer: nos parques de lazer ou diversão;
- na comunicação: nas redes a cabo ou sem fio, que estão presentes em todo o espaço extraterrestre, como com certeza o ciberespaço.

Segundo Augé (2012), o transporte, como meio de locomoção, a hospedagem do sujeito que se locomove, o lazer com os seus atrativos em diversas localidades pelo mundo e, principalmente, a comunicação que interliga qualquer sujeito com outro, representam o modo de viver contemporâneo no qual a sociedade está.

Em outro trecho, Augé (2012, p. 36) define que “Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os [...] meios de transporte ou os grandes centros comerciais [...]”. Qualquer lugar é um não lugar.

Para o autor, há na denominação de não lugar duas realidades distintas, mas que se complementam: os espaços constituídos em relação a certos fins e a relação dos indivíduos com esses espaços. Os espaços constituídos em relação a certos fins são os existentes no transporte, trânsito, comércio e lazer, que representam também as relações dos sujeitos com esses lugares, pois aqueles viajam, compram, relaxam, repousam. Nesse aspecto, “[...] os não lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins [...] os não lugares criam tensão solitária” (AUGÉ, 2012, p. 75).

De acordo com Augé (2012), não lugares existem para algum fim (individual), e a relação do sujeito com esse lugar também pode ser compreendida como um não lugar. Se as relações de um sujeito com um lugar forem desguarnecidas de significado ou do desejo de permanência, um lugar passa a ser um não lugar. Nos tempos pós-modernos, que abrigam milhares de pessoas em um só espaço, não fica difícil idealizar lugares em que não se quer estar ou permanecer – não lugares.

“O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente [...]” (AUGÉ, 2012, p. 74). Tal fenômeno ocorre principalmente porque lugares existem em marcos geográficos ou históricos que outrora existiram ou existem. No entanto, os não

⁶ Augé (2012) prefere o termo supermodernidade em vez de pós-modernidade. Ele a supermodernidade representa a necessidade do sujeito pela busca de sentido dos acontecimentos do presente, o que se projeta nas figuras de excesso atuais, uma em relação ao tempo e outra em relação ao espaço.

lugares ainda não estão prontos, pois acontecem a qualquer instante, sem precedentes ou historicidades.

Mais adiante, Augé (2012, p. 74) complementa que “[...] existe o não lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele [...]” (AUGÉ, 2012, p. 74). Sob esse ponto de vista, não lugares se constituem ou se reconstituem a todo o momento, nunca estão prontos e assim permanecerão, pois um não lugar acontece e é diferente para cada sujeito.

Porém, “Certos lugares só existem pelas palavras que evocam, não lugares nesse sentido ou, antes, lugares imaginários, utopias banais, clichês” (AUGÉ, 2012, p. 88). Exemplos de lugares que só existem em palavras podem ser: a América, a Europa, o Ocidente (AUGÉ, 2012) e inclui-se aqui o Inferno, o Paraíso, entre outros lugares que existem metaforicamente, como a Dark Web.

Não lugares reais da supermodernidade por Augé (2012), podem ser definidos também por palavras ou textos, como de maneira prescritiva: “pegar a fila da direita”; de maneira proibitiva: “proibido fumar”; de maneira informativa: “você está entrando no Beaujolais”; ou, ainda, pela presença não necessariamente física de órgãos ou instituições regulamentadoras, como Ministério dos Transportes, Polícia Rodoviária, entre outros. Essas asserções do autor demonstram uma característica essencial dos não lugares: o indivíduo estará sempre solitário, isso porque, muitas vezes, a sua estada será perpassada apenas pela comunicação textual, como por meio de placas ou cartazes que o informam.

Os sujeitos dos não lugares e as formas com as quais esses o utilizam ou nele interagem seguem uma espécie de contrato. A passagem comprada, o cartão de pedágio e o carrinho de mercado, entre outros itens, devem demonstrar que o usuário de um não lugar segue as regras justapostas naquele ambiente. Existe um controle, ao qual cada sujeito ou visitante de um não lugar deverá passar para seguir em frente ou, como precisa Augé (2012), para se tornar inocente.

“O passageiro dos não lugares só reencontra sua identidade no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa registradora. Esperando, obedece ao mesmo código que os outros [...] responde às mesmas solicitações.” (AUGÉ, 2012, p. 102). Isso porque, o caminho do sujeito do não lugar é solitário, e esse muitas vezes é invisível, e sua identidade pode ser restabelecida ou percebida somente quando for identificado.

Em relação à identificação do usuário do não lugar, Augé (2012, p. 102) explica que os visitantes “[...] são identificados, socializados e localizados (nome profissão, local de nascimento, endereço) [somente] na entrada ou na saída”. Dessa forma, o sujeito do não lugar tem a passagem livre no ínterim que lhe resta, o espaço entre a entrada e a saída.

“O espaço do não lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude.” (AUGÉ, 2012, p. 95). Sob esse viés, a identificação do sujeito do não lugar ocorre porque esse indivíduo deve seguir os padrões de conduta ideal na sociedade, como pagar pelo seu ingresso ou bilhete. No entanto, essa identificação nada significa além de dados, de informações que no montante não especificarão e nem resultarão em identidade para o usuário. Todos os indivíduos passam pelo mesmo processo e todos continuam solitários em sua estadia ou percurso nos não lugares.

Por fim, para Augé (2012, p. 95) um não lugar “[...] não concede espaço à história [...] a atualidade e a urgência do momento reinam neles”. O autor complementa que “Os

não lugares se percorrem, eles se medem em unidades de tempo. Os itinerários não funcionam sem horários, sem quadros de chegada ou de partida, que sempre concedem lugar à menção dos atrasos eventuais. Eles se vivem no presente” (AUGÉ, 2012, p. 95).

O tempo reproduz um não lugar, é em um instante, um segundo ou em qualquer fração mínima de tempo que ocorrerá. Qualquer *lugar* pode ser um *não lugar*.

Não lugar para Zygmunt Bauman

Em sua obra intitulada *Modernidade líquida*, Bauman (2001) chega ao conceito de não lugar introduzido por uma discussão acerca da civilidade que não ocorre, mas que deveria ocorrer, entre as pessoas diariamente.

Deste modo, Bauman (2001) inicia sua redação com a indicação de lugares em que estranhos porventura se encontram. Nesses espaços, a civilidade, que é “[...] a capacidade de interagir com estranhos sem utilizar essa estranheza contra eles e sem pressioná-los a abandoná-la ou a renunciar a alguns dos traços que os fazem estranhos [...]” (BAUMAN, 2001, p. 124) deveria acontecer, mas na maioria dos casos não acontece. Isto é ocasionado principalmente porque, na visão do autor, estranhos não querem interagir uns com os outros, não querem exercer sua civilidade porque provavelmente querem passar despercebidos.

Para Bauman (2001, p. 111), “Isso significa que estranhos têm chance de se encontrar em sua condição de estranhos, saindo com estranhos do encontro casual que termina de maneira tão abrupta quanto começou”. Nessa perspectiva, os encontros entre pessoas estranhas ocorrem ao acaso e podem não ter significado algum, é como se esses estranhos não tivessem se encontrado de fato.

Bauman (2001) explica como espaços públicos, mas não civis, podem representar um não lugar, e os divide em dois tipos: espaço público urbano e espaços destinados ao consumo. Um espaço público urbano não objetiva a permanência de civis ou pessoas em seu território. São espaços desagradáveis ou que não inspiram conforto, mesmo que o acesso seja livre. Como exemplo desse tipo de espaço, Bauman (2001) discursa a respeito de uma praça existente em Paris em que não há árvores, nem bancos e que está rodeada por diversos arranha-céus. A simples ideia de uma praça sem árvores e seus respectivos bancos, já causa estranheza, pois passa a ser um lugar ermo ou de passagem e não de permanência, um não lugar. Dessa forma, espaços construídos para serem públicos, mas que porventura não foram idealizados para a permanência desejável de pessoas, também podem ser considerados como não lugares.

O segundo espaço elencado por Bauman (2001, p. 14) são os espaços de consumo ou destinados a esse fim. “Esses espaços encorajam a ação e não a interação [...]”, que é consumir, realizar compras. “Qualquer interação dos atores os afastaria das ações em que estão individualmente envolvidos e constituiria prejuízo, e não vantagem para eles.” (BAUMAN, 2001, p. 114). O prejuízo pode acontecer, porque quando as pessoas objetivam consumir, provavelmente não desejam interagir com outras pessoas em seu percurso, o que poderia atrapalhar ou interromper, mesmo que rapidamente, as suas compras.

Bauman (2001, p. 144) explica ainda que mesmo que os lugares de consumo estejam lotados, nada de coletivo possuem, e que “As pessoas não vão para esses lugares para conversar ou sociabilizar”. Apesar de representar um espaço público, lugares com *shoppings centers* possuem o mesmo interesse que seus visitantes, relações de

negócios, de compra e venda, e não de sociabilização. Portanto, podem ser também um não lugar.

Bauman (2001, p. 115) evidencia que não lugares são diferentes dos lugares do cotidiano, pois normalmente estão “[...] fora dos limites da cidade, à beira de uma autoestrada [...], mas não faz parte dela; não é o mundo comum temporariamente transformado, mas um mundo ‘completamente outro’.” Os não lugares podem ser completamente outros porque são diferentes dos lugares que as pessoas frequentam diariamente. Ainda que visitados frequentemente, os espaços de consumo em nada devem se assemelhar ao local de trabalho ou a residência de um indivíduo, por isso são sempre completamente outros.

Os não lugares como os destinados ao consumo podem, segundo Bauman (2001), possuir algumas características, como de:

- purificação: no sentido de que esses espaços foram projetados para encantar e seduzir o seu visitante. São espaços que trazem a sensação de conforto e liberdade com segurança;
- comunidade: os visitantes podem passar a se sentir como parte de um mesmo grupo, já que estar em comunidade é estar junto a outros;

No aspecto abordado por Bauman (2001), estar em um ambiente ideologicamente seguro ou que traz a sensação de conveniência entre pares são enganações articuladas para estimular o sujeito a permanecer e consumir. Assim, os espaços de consumo são transformados para que a recepção seja realizada da mesma maneira para todas as pessoas que o frequentam.

Como conceito, Benko (1997) apud Bauman (2001, p. 120) demonstra que um não lugar é “[...] um espaço destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história: exemplos que incluem aeroportos, autoestradas, anônimos quartos de hotel, transporte público...”. Para acentuar as características de um não lugar, Bauman (2001, p. 120) enfatiza, voltando a adotar o ponto de vista de Benko, que “Jamais na história do mundo os não lugares ocuparam tanto espaço” (BENKO, 1997 apud BAUMAN, 2001, p. 120). Notoriamente, os não lugares se proliferam, visto que as pessoas se locomovem e consomem cada vez mais.

Na visão de Bauman (2001), os não lugares desencorajam a interação, a fala ou o contato entre estranhos. De certa forma, para o autor, não lugares representam lugares em que se está ou se visita sem ser percebido, como se o visitante fosse invisível, e assim ele o quer.

No ciberespaço, muitos lugares ou webs se enquadram nas afirmações de Bauman (2001), e também de Augé (2012), como principalmente na Dark Web.

SOBRE A DARK WEB

Segundo Chen (2012), as pesquisas a respeito da Dark Web têm recebido destaque nas manchetes de importantes meios de comunicação pelo mundo, como *Washington Post*, Fox News, BBC, PBS New Hour, National Public Radio, *Science News*, *Toronto Star*, *Bulletin* (Austrália), entre outros, principalmente nos EUA. A evidência noticiosa torna inquestionável a importância dos estudos acerca da Dark Web.

Chen é integrante de um grupo de pesquisa do estado do Arizona que desde 2003 realiza diversos experimentos na Dark Web. O grupo de pesquisa é formado por 23 pesquisadores da computação e por cientistas da informação, como informa Chen

(2012). Esses pesquisadores são nativos da China, Israel, Alemanha, vários países da Europa e EUA. No entanto, a ênfase deve ser atribuída dada Rex Hudson, um profissional da informação na posição de representante da Library of Congress no projeto e que também aproxima os estudos da Dark Web da ciência da informação.

Chen (2012) expõe um fator interessante: as pesquisas na *Dark Web* têm financiadores como a própria Library of Congress, a National Science Foundation, o Air Force Resource Lab, a Defense Threat Reduction Agency e o Dept. of Homeland. No Brasil, não existe nenhum tipo de financiamento para experimentos científicos na *Dark Web*.

Antes de prosseguir com a discussão a respeito da *Dark Web*, é importante esclarecer que existe uma confusão conceitual proeminente nas poucas tentativas que têm sido feitas no intuito de defini-la. Na maioria das vezes, a *Deep Web* é conceituada com os atributos da *Dark Web*. Portanto, apesar de muitos autores e a própria mídia (principalmente na América do Sul) argüem exclusivamente acerca da *Deep Web*, entende-se que quando as definições abordam *web* invisível e profunda, muitas vezes contemplam ou falam da *Dark Web*.

Outrossim, o site Infobox (2013, não paginado, grifo do autor), o único a diferenciar as duas *webs* com as nomenclaturas *Deep* e *Dark*, afirma claramente que:

A *deep web* não deve ser confundida, contudo, com o que se designa por *dark web*. Esta inclui uma série de sites mais perigosos do que tudo o que encontramos diariamente na internet. Traficar droga, contratar assassinos, assistir a lutas até à morte, trocar opiniões com pedófilos, aqui tudo é possível. No entanto, os dois conceitos são bastante distintos [...] na realidade, qualquer pessoa pode utilizar a *deep web* diariamente.

De acordo com o Infobox (2013), a *Deep Web* é a *web* invisível, que ocorre quando um sujeito acessa sites não indexados, o que pode acontecer quando não se sabe de antemão um endereço específico não localizável pelo Google. Já a *Dark Web* representa outra *web*, com conteúdos bastante diversos, perigosos e possíveis por meio de redes que operam na invisibilidade, como o Tor (2013).⁷

Por conseguinte, Fidêncio e Monteiro (2013, p. 692, grifo do autor) especificam que “[...] é bastante seguro considerar a *Dark Web* como uma nova ramificação da *web* invisível: suas características são próprias; sua filosofia é própria e, além de tudo, seu conteúdo é o mais enigmático e desordenado de todas as ramificações”. Por isso, preconiza-se que a *Dark Web* traz luz ao mundo paralelo do filme *The Matrix*, pois se trata de uma *web* totalmente outra, a face de outro lado da *web*, escondido, misterioso e ainda desconhecido pela maioria das pessoas. Para adentrar na *Matrix*, são necessários aparatos tecnológicos, e na *Dark Web*, softwares específicos que camuflam os IPs e as identidades dos sujeitos que nela navegam.

Uma *web* ainda mais invisível e profunda, escondida e não passível de indexação e rastreamentos devido aos processos de criptografia, uma *web* e um mundo virtual paralelo estão presentes na *Dark Web*.

A *Dark Web* ou *web* escura teve início com a tese de doutorado intitulada *Distributed decentralised information storage and retrieval system*, de Ian Clarke, na Edinburgh University, em 1995. Mais adiante, precisamente em 2000, o download do software

⁷ Torrent Onion Router (TOR) é um projeto e tecnologia de acesso e navegação à *Dark Web*.

desenvolvido por Ian foi nominado Freenet, um programa gratuito que previa o acesso à internet, aos *websites*, *chats* ou compartilhamento de arquivos de forma anônima na rede. O Freenet teve nos seus primeiros nove anos de existência mais de dois milhões de *downloads*, principalmente na Europa e EUA (BECKETT, 2009). Com a tese de Ian, foi possível a construção de uma rede paralela para acessar a internet, a *web* e o ciberespaço.

Segundo Monteiro e Fidêncio (2013), o conteúdo da Dark Web permanece na invisibilidade porque seus conteúdos são judicialmente ilegais. Em entrevista ao *Olhar Digital* a respeito da *Deep Web*, Jaime Ortys y Lugo (2013) explica que a parte de baixo do *iceberg* existe por deficiência da parte de cima e por seu uso comercial excessivo. A menção de Jaime, especialista em segurança, está relacionada às inúmeras propagandas direcionadas e a falta de privacidade existente na *web* da superfície que tanto incomodam sujeitos que não desejam se tornar fonte de informação e de lucros comerciais para os mecanismos de busca.

Segundo Fidêncio e Monteiro (2013, p. 693, grifo do autor), “[...] na Dark Web o anonimato é desejável aos utilizadores, principalmente por causa de posições filosóficas dos usuários ou alguma posição contrária às normas sociais”. As razões pelas quais as pessoas optam por acessar a Dark Web são diversas, e nem sempre estarão guiadas para atos ilícitos. Este pressuposto deve acompanhar o conceito da camada mais incompreendida do ciberespaço.

Beckett (2009) demonstra algumas nomenclaturas que podem ser encontradas para a Dark Web, como *Darknet* (*net* escura), *Deep Web* (*web* profunda), *Invisible Web* (*web* invisível), *Dark address space* (espaço de endereço escuro), *Murky address space* (espaço de endereço sombrio) e *Dirty address space* (espaço de endereço sujo). Mas de acordo com o autor, esses nomes não significam de fato o que parecem significar, já que muitas vezes a URL de uma página está invisível porque ficou inativa. Outro fator que necessita esclarecimento é que cada termo demonstrado por Beckett (2009) possui suas próprias definições, nas quais se destacam *web* invisível e *Deep Web* (sinônimos com base na invisibilidade geral da *web*), a *Darknet*, que corresponde às redes de acesso às dobras *undergrounds* e os demais termos que indicam a própria Dark Web.

Segundo Everett (2009), a Dark Web representa redes que compreendem múltiplos servidores escuros que são utilizados por todo tipo de ativistas políticos, cibercriminosos, serviços de inteligência internacional, agências que se comunicam e trocam informações secretamente, assim como para o comércio *online*.

Ainda de acordo Everett (2009), a *Dark Web* acontece quando qualquer servidor *web* não pode ser encontrado por mecanismos de busca como o Google. Esse cenário poderia surgir também a partir do conteúdo de um servidor *web* individual que não contenha *hiperlinks* ou que é gerado dinamicamente a partir de um banco de dados, o que o tornará ilegível para os *spiders* da *web*, afirma a autora. No entanto, e como complemento de Everett (2009), a Dark Web é responsável também pela liberdade em comercializar e/ou publicar conteúdos de forma virtual sem censuras e em ambiente altamente criptografado e amorfo judicialmente.

Chen (2012, p. 93, grifo do autor, tradução nossa) possui uma visão esvaziadora da Dark Web porque a conceitua como se sua existência se baseasse no terrorismo: “Nós definimos este lado da *web* reversa como a ‘Dark Web’, a porção da World Wide Web utilizada para ajudar a atingir os objetivos sinistros de terroristas e extremistas”. Em outro momento, argumenta que:

Além de mau uso, sob a forma de engano, roubo de identidade, e vendas e distribuição de *software* pirata, a internet também se tornou um popular meio de comunicação e refúgio para grupos extremistas e de ódio. Esta faceta problemática da internet é frequentemente referida como a Dark Web. (CHEN, 2012, p. 220, tradução nossa).

As afirmações do autor são arbitrárias, visto que os crimes descritos por ele ocorrem também na *web* da superfície. No entanto, não se pode subestimar a importância da falta de rastreamento dos sujeitos e de seus computadores como agente facilitador para pessoas que desejam cometer crimes.

Em pesquisa anterior, Chen et al. (2008) relataram que a Dark Web é utilizada por organizações terroristas, grupos extremistas, grupos de ódio e grupos de supremacia racial que se aproveitam do anonimato do ambiente para propagar suas ideias, conseguir novos adeptos e confabular ataques. Dessa forma, as pesquisas de Chen (2012) e Chen et al. (2008) são fundamentadas principalmente em estudos focados no *jihad*, e entre outros extremistas ávidos por terrorismo contra os EUA. Nas pesquisas de Chen (2012) e Chen et al. (2008), não são encontrados artigos que retratem outros assuntos ou outras abordagens para a Dark Web. Apesar de os autores possuírem dezenas de publicações a respeito da Dark Web (o que resultaria em avanços científicos significativos para a compreensão do ambiente), o objetivo é sempre entender o terrorismo discutido virtualmente contra os EUA, isto é, dentro de uma visão bem pragmática e ideológica desse ambiente.

L'Huillier et al. (2010) também definem a Dark Web como a “Internet baseada em fóruns ou plataformas de terroristas ou cibercriminosos”. No entanto, os autores acrescentam que o ambiente escuro é igualmente povoado por fã-clubes de artistas ou comunidades que preferem a comunicação livre. Em pesquisa realizada em 2010, L'Huillier et al. analisaram redes de terrorismo na Dark Web com a utilização de mineração de dados e análise de redes sociais como método científico, o que também é frequente nos estudos de Chen (2012).

Diferentemente da *web* visível, na Dark Web é possível encontrar arquivos com dimensões muito variadas, demonstra Chen (2012):

- arquivos indexáveis: HTML, Word, PDF, Text, Excel, PowerPoint, XML, e dinâmicos;
- arquivos dinâmicos: PHP, ASP, JSP;
- arquivos em multimídia: imagem, áudio e arquivos de vídeo;
- arquivos compactados: RAR ou ZIP;
- arquivos com conteúdo em 2D e 3D;
- arquivos com formatos não reconhecidos.

Há na literatura, alguns esforços em descrever as dobras ou níveis/camadas da *web* com inclusão dos ambientes obscuros, conforme demonstra a Figura 1. Observam-se claramente seis níveis para elucidar as dobras da *web*, conforme a Creepypasta Wiki ([200-?]):

Nível 0: destinado ao que seria a *web* visível, da superfície e indexável.

Nível 1: aqui seria um desdobramento do nível 0, com páginas da superfície, porém com *sites* mais desconhecidos e com menos acesso

pelos sujeitos navegadores, como os relacionados a pornografia, fóruns, entre outros.

Nível 2: nesse nível, estão mecanismos de busca menos conhecidos e com conteúdos já considerados impróprios focados em morte e em coisas bizarras. Segundo o Creepypasta Wiki ([200-?]), essa camada representa uma *Deep Web* superficial.

Nível 3: de acordo com a figura, nesse nível estaria a *Deep Web*, pois a referência é de acesso a *sites* que promovem *downloads* de forma ilegal. Páginas que compartilham *torrent* de forma ilícita (que são mais conhecidas como *Darknet*), também materiais perturbadores com mortes, pornografia infantil e comércio de drogas, entre muitas coisas desagradáveis. Segundo o *site*, neste nível também se encontram conteúdos neutros como livros esgotados ou filmes para *download*.

Nível 4: aqui segundo o *site*, o IP já não pode mais ser rastreado. Como conteúdo, o *site* informa que neste nível até mesmo o acesso é perigoso porque aqui que estão os *hackers* chamados de piratas informáticos e vídeos de *snuffs*.⁸ O *site* informa também que o mercado negro ocorre, como armas, órgãos humanos, entre outras coisas compradas com *bitcoin*.⁹ Segundo informações do Creepypasta Wiki ([200-?]), nessa camada também são encontradas informações secretas de governanças do mundo e até mesmo relatos de experimentos com humanos que ocorrem há mais de quatro décadas, realizados por governos diversos. A Hidden Wiki também estaria alojada na camada 4.

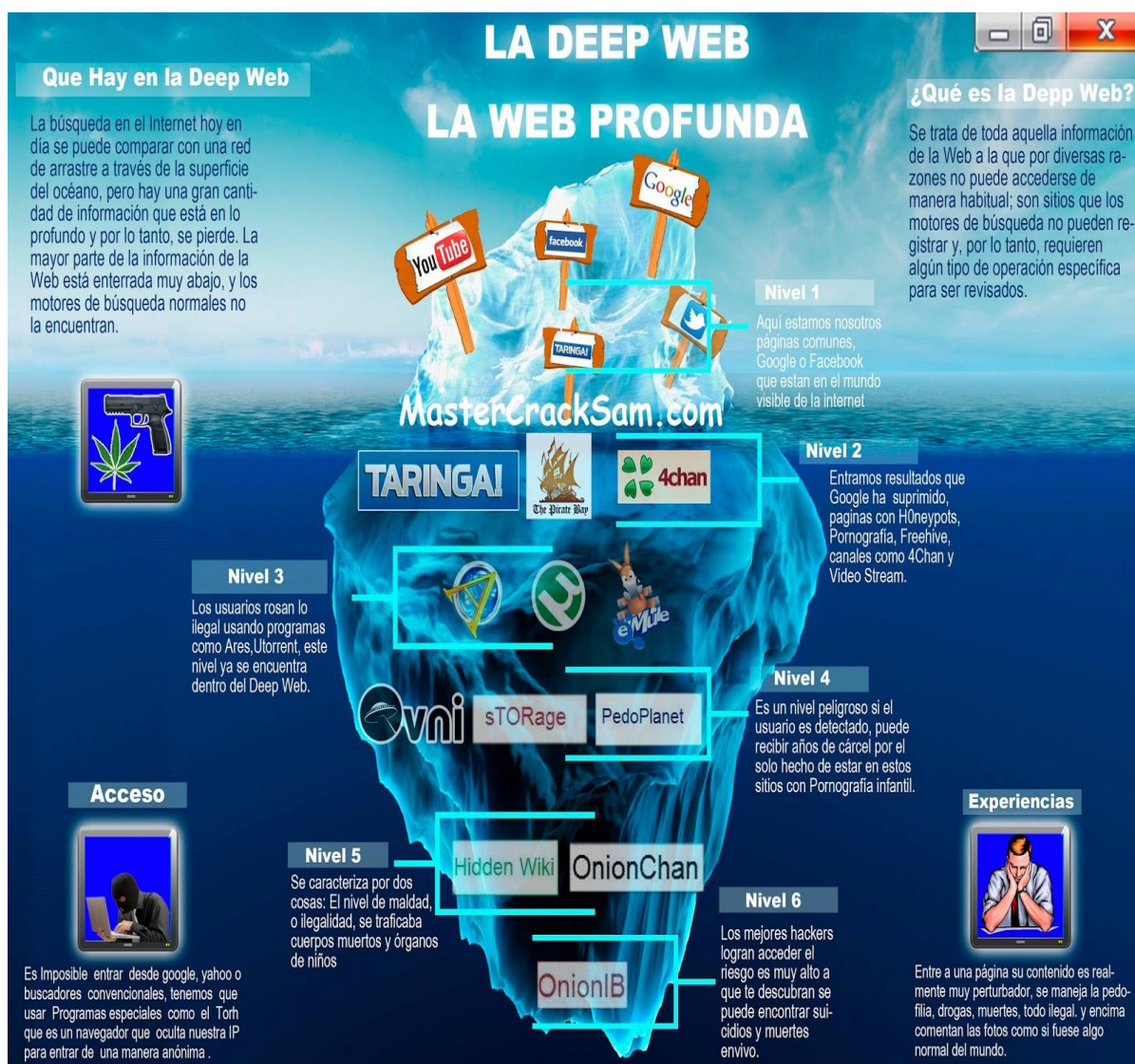
Nível 5: responsável por abrigar segredos militares e de governos, e onde seria o local em que as pessoas mais poderosas do mundo se comunicam.

Nível 6: nessa camada, os *hackers* mais experientes podem alterar qualquer informação de toda a *web*, tanto para o bem quanto para o mal. Seria como ter o domínio da *web* nas mãos.

⁸ Filmes de assassinatos reais.

⁹ Principal moeda para comércio clandestino que opera em P2P.

Figura 1 – Os níveis de profundidade da web.



Fonte: Creepypasta Wiki ([200-?]).

O grupo Anonymous (2013) apresenta outra categorização de níveis para a web:

- 1° **Surface Web** = caracterizada como primeiro nível, que contém sites com conteúdos mais diversos e controversos.
- 2° **Bergie Web** = local em que são disponibilizados servidores de FTP que ficam à margem dos sites populares da web.
- 3° **Deep Web** = responsável por conteúdos pesados, fóruns de hackers, entre muitos outros, nos quais, apesar do uso de proxy para acesso, ainda não se consegue atingir as camadas mais profundas.
- 4° **Charter Web** = comércio pesado de drogas; local em que está hospedada a Hidden Wiki;
- 5° **Marianas's Web** = se divide em outros três níveis de profundidade, 6°, 7° e 8°, que solicitam do sujeito navegador muito conhecimento de programação para acesso. O Tor, por exemplo, não conseguiria acessar essas dobras.

Como é possível verificar, segundo o Anonymous (2013) existiriam oito níveis ou dobras na *web* e não sete (com a inserção do nível 0), como a Figura 1 demonstra. O nível zero não é creditado para o Anonymous (2013a). A *web* da superfície ou o nível 1, segundo o Creepypasta Wiki ([200-?]), seriam o mesmo objeto, páginas que destoariam dos sites com muito acesso, como o Facebook ou o Google, por exemplo. Na camada 2, percebe-se alguma semelhança entre as classificações, pois se trata de sites visíveis, porém pouco “acessados” e com conteúdos impróprios para a maioria das pessoas. No nível 3 estaria a *Deep Web*, em consenso com a outra categorização, ou seja, local no qual surgem as dobras realmente invisíveis.

No nível 4, com base na Figura 1, o simples acesso poderia resultar em crimes, e, para o Anonymous (2013), seria o local responsável pelo comércio pesado de drogas e também é no qual está a *Hidden Wiki*. No nível 4, o uso de *proxy* é indispensável para manter o anonimato.

Segredos militares representam a camada 5, segundo o Creepypasta Wiki ([200-?]), e, para o Anonymous (2013), seria a última dobra da *web*, a *Mariana's Web*, que ainda pode se dividir em mais três camadas. Segundo o Anonymous (2013), na *Marianas's Web* o conteúdo é extremamente pesado: sites macabros; tutoriais para terroristas; assassinos de aluguel; material adulto proibido; comércio de humanos e de seus órgãos, de animais raros e de armas militares. Essa alusão ao que seria a *Mariana's Web* tem um vínculo com a *Dark Web*, já que ambas se localizam em camadas muito profundas. As Fossas Marianas se situam no lugar mais profundo do oceano, com 11.034 metros de profundidade (INFOESCOLA, 2012, não paginado); assim, a comparação é autêntica, uma vez que se compreende a *Dark Web* como a *web* mais profunda no ciberespaço.

Franco (2013) também utiliza o termo *Mariana's Web* e a define como o divisor de águas entre a *Deep Web* falsa e a legítima. Nela, segundo o autor, existem *hackers*, *crackers* e *bankers*.¹⁰ Franco (2013, p. 8) vai mais além e observa que teorias diversas sinalizam outras *webs* além da *Mariana's*, que se dividem em mais três níveis ou *levels*, como o autor prefere chamar:

Level 1: vídeos e documentos governamentais.

Level 2: milhões de dólares são negociados nesse nível.

Level 3: discussão de computação quântica, elite da rede de *hackers*, e o controle tecnológico global, “[...] onde se encontra o que se quer e o que não se quer.”

No entanto, segundo o Creepypasta Wiki ([200-?]), há ainda o nível 6 da *web*, o que seria para o site a *web* mais profunda de todas. Apesar de o Anonymous (2013) apresentar a *Mariana's Web* e Franco (2013), mais três níveis além dela, acredita-se que estes seriam mais nomes para a mesma *web*, a *Dark Web*. De qualquer forma, chegar-se-á à *Dark Web*, local de criptografia altamente potente no ciberespaço, em que a liberdade de ação e expressão se reproduz na discussão e comércio de tudo o que se possa imaginar.

¹⁰ *Bankers* são especialistas em crimes bancários.

Todas as conceituações e termos encontrados na *web* ou na literatura perpetuam a dificuldade e a necessidade em desmitificar a Dark Web. A esse respeito, Monteiro e Fidêncio (2013, p. 37, grifo do autor) afirmam que:

Como nada é tão simples nos objetos contemporâneos, outra *web* emerge, considerada Dark Web (*the dark side of the cyberspace*) ou a invisível de fato, posto que servidores e a navegação feita sob o anonimato fazem a dobra *underground* do ciberespaço.

Nesta pesquisa, considera-se que a partir do momento em que seja necessário utilizar *proxy* para acesso, em que sujeitos se depararem com conteúdos pesados, impróprios ou ilegais e que a *web* não seja indexada à risca, define-se a Dark Web.

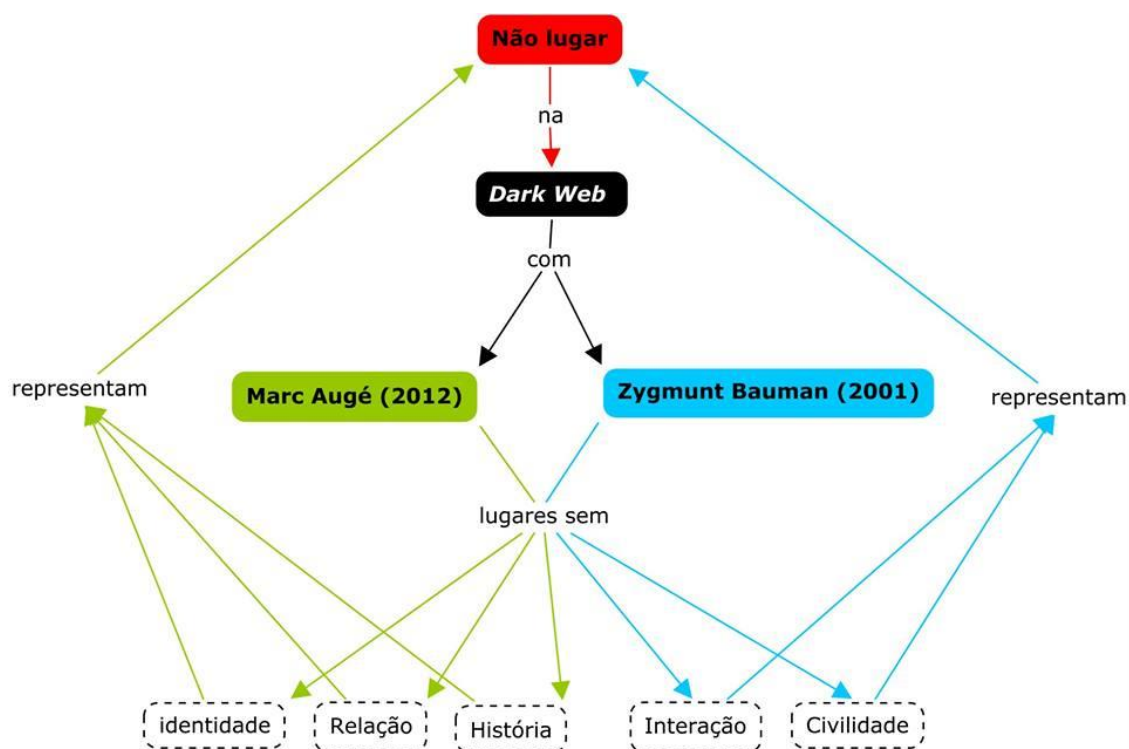
Diante desse cenário, conceitua-se que a Dark Web é composta por conteúdos não indexáveis por mecanismos de busca convencionais, por motivos legais e porque os mecanismos simplesmente não conseguem indexar. Igualmente, acredita-se que a Dark Web representa a *web* verdadeiramente livre e invisível, e que apesar de ser utilizada também para o mal, exerce a liberdade de navegação, de expressão e de comunicação. Nesse pensamento, “A Dark Web ilustra a tensão entre a privacidade e a publicidade: a liberdade de expressão e até valores maniqueístas do bem e do mal, arquétipos humanos ressignificados ou virtualizados no ciberespaço” (MONTEIRO; FIDÊNCIO, 2013, p. 44, grifo do autor).

Navegar na Dark Web é lidar com a liberdade de expressão vestida pelo anonimato, o ambiente se torna a representação do que o ser humano pensa e faz na forma mais transparente, tanto para o bem quanto para o mal.

NÃO LUGARES NA DARK WEB

Esta seção, a respeito dos não lugares na Dark Web, tem sua estrutura apresentada na Figura 2. O capítulo aborda as relações entre os conceitos de não lugar na Dark Web.

Figura 2 – Não lugares na Dark Web: por um mapa conceitual



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A sensação ao acessar a Dark Web é do não lugar em seu núcleo, em sua essência. Os lugares da Dark Web são não lugares basicamente porque, conforme explica Augé (2012), não estabelecem relações, identidade ou histórico com o ambiente.

A possibilidade de se estabelecer relação com um local perpassado por assuntos e possibilidades tão cruéis se torna praticamente impossível. A identidade, seja como situação identitária ou como identificação, não é, e nem objetiva ser, uma ocorrência na Dark Web. Os sujeitos são identificados, na entrada e na saída, por identidades falsas, transitórias, que, em verdade, não demonstram quem de fato são – o que faz parte da característica de anonimato do ambiente e dos não lugares da pós-modernidade. As pessoas que procuram por privacidade, ou seja, acessam as dobras escuras e, principalmente, a Dark Web, deixam claro que não querem possuir identidade no ambiente, porque se quisessem, navegariam somente na superfície.

Os pagamentos, realizados por *bitcoin*, também não atestam identidade alguma, mas são decorrentes da natureza do ambiente, já que este prevê o anonimato como princípio fundamental. Múltiplas identidades existem na Dark Web, tanto no ambiente escuro, quanto fora dele, o que ocorre quando um sujeito tem ou parece possuir uma personalidade bastante diferente da difundida por meio dos atos ilícitos ocasionados à surdina.

Por meio da Dark Web, as várias identidades de um sujeito, tais como vírus da pós-modernidade, alastram-se em demasia nos endereços escuros. Hall (2006) já explicara que o sujeito pós-moderno não tem e nem deseja ter apenas uma identidade ou, ainda, uma identidade que seja estática. Augé (2012, p. 108) resume que “A frequência dos não lugares, hoje, é a oportunidade de uma experiência sem verdadeiro precedente histórico de individualidade solitária e de mediação não humana (basta um cartaz ou uma tela) [...]”.

Igualmente, se um ambiente não pode apresentar história a respeito de quem o trafega, também não consegue estabelecer laços de historicidade. Apenas rastros são deixados pelos sujeitos que “acessam” a Dark Web, mas nem mesmo assim é possível estabelecer história com o ambiente. Quem tem acesso às dobras escuras da web não deseja constituir historicidade ou contribuir para o desenho de uma trajetória histórica com o ambiente. Se participar da história do ambiente escuro fosse o objetivo, o anonimato não seria tão atraente. Mesmo os sujeitos que buscam apenas privacidade na Dark Web, e essencialmente esses, não possuem relação de historicidade com os seus ambientes, sejam eles ruins ou bons, porque simplesmente não podem fazer parte da história do lugar.

Outro motivo destacado por Augé (2012), em relação à história com o lugar, está na formação dos não lugares que acontecem a todo e a qualquer momento. Se os não lugares se formam no presente, a história não tem como acontecer. Os não lugares vivem do presente, do atual e do momentâneo, como são as ações que ocorrem na Dark Web.

Quanto ao quesito “relação” de Augé (2012), nenhum sujeito é ou quer ser relacionado ou possuir relações com o ambiente. Os não lugares estão por toda parte na Dark Web e, como preconizou Bauman (2001), escorregam pelas mãos, não são passíveis de concretização ou de localização estável, já que se dissipam sempre que uma ameaça surge, como, por exemplo, a possibilidade de rastreamento. A fluidez dos ambientes escuros da Dark Web é, inclusive, desafio para a polícia do mundo todo, que luta para localizar e prender

criminosos que estão em não lugares do ambiente escuro.

Os sujeitos “visitantes” do não lugar estão sempre sozinhos, solitários, como Augé (2012) já atestava; eles não querem se identificar e assim escolhem navegar na Dark Web, mantendo o individualismo e o privilégio de caminhar de forma invisível no ciberespaço. O anonimato, os nomes provisórios e as contas de *bitcoin* os tornam ainda mais solitários e autônomos para navegar nos endereços da Dark Web.

Augé (2012) explica que existe uma espécie de contrato e de controle para utilizar um não lugar. Isso posto, na Dark Web esse contrato está articulado com a *Darknet* e suas redes. Uma vez que é necessário realizar o *download* de redes anônimas, como o Tor – que possibilita o anonimato –, o contrato metafórico é concretizado. Situação igual acontece quando sujeitos seguem normas ou instruções da sociedade para viver normalmente. Acessar a *Darknet* pela rede Tor, por exemplo, também é uma forma de controle dos sujeitos que nela trafegam.

A Dark Web é um não lugar também pela palavra que ecoa por um ambiente que não existe fisicamente, mas em potência. Não é possível acessar um local único denominado Dark Web, e sua existência depende de *bits* e *bytes*. Se o ciberespaço é repleto de não lugares, a Dark Web parece ser construída para isso, para não existir, para não deixar rastros, para ser um lugar existente somente pela palavra que a denomina, conforme os dizeres de Augé (2012). A falta de pesquisas científicas acerca da Dark Web também é um indício de que ela é um lugar que não existe ou que não deve existir, um não lugar. Apesar de a Dark Web estar localizada na dobra mais profunda do ciberespaço, não há como determinar o seu caminho.

Não lugares surgem e desaparecem a todo instante, e nunca estão prontos, acabados, definidos. Não por coincidência, os ambientes da Dark Web também se enquadram nessas características discutidas por Augé (2012). Nenhum lugar da Dark Web tem endereço estável, e seus conteúdos mudam periodicamente, assim como

acontece nos não lugares. Ademais, os não lugares são individuais, diferentes para cada qualquer sujeito, e, por isso, algumas páginas da Dark Web podem representar um não lugar, um lugar em que a permanência não é desejada. Para outros, esses mesmos lugares podem não representar um não lugar.

Também com base em Augé (2012), as informações da Dark Web ocorrem de maneira prescritiva, de maneira informativa e de maneira proibitiva. Na forma prescritiva, as indicações de “Acesse aqui”, “Compre por esse site”, por exemplo. De modo informativo, as informações de localizações no ambiente, tais como “Parabéns, você está conectado à rede Tor”. E de forma proibitiva, basta acessar um site com conteúdo ilegal na Dark Web. Além do mais, nada do que está no ambiente pode ser o realmente aparenta. Não lugares são objetos contemporâneos que persistem em existir em grande escala no ciberespaço por meio de suas webs.

De acordo com Bauman (2001), não lugares não representam civilidade humana, as pessoas são embevecidas por suas tarefas e compras, como também o são na Dark Web. A falta de civilidade e de relacionamento social são facilmente constatadas por meio de compras de contrabandos ou de quaisquer objetivos no mercado negro da Dark Web. No momento das compras sujas, nenhum sujeito quer ser interrogado, interceptado ou incomodado, principalmente por estranhos; ele quer entrar e sair, apenas isso. Ao realizar um *download* de livros raros, por exemplo, a mesma situação ocorre, a entrada é rápida, e a saída do ambiente também.

Com intuito de realizar crimes, a civilidade humana desaparece quase por completo. Na busca por informações comuns, que façam menção a atos ilegais, novamente nenhum sujeito quer dialogar ou estabelecer contato com estranhos na Dark Web. A falta de civilidade humana se fortalece em larga escala na Dark Web, mais que em qualquer outro ambiente virtual, porque quem acessa os não lugares escuros não deseja estabelecer contatos duradouros. Nos não lugares da Dark Web, estranhos se encontram, mas é como se não tivessem se encontrado, o encontro deve ser esquecido, como explica Augé (2012).

Bauman (2001, p. 122) afirma que “O vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou rodas de quem anda. Vazios são os lugares em que não se entra e onde se sente perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos”. Navegar na Dark Web pode representar para o sujeito essa sensação de vazio, de desorientação, de vulnerabilidade. O que o sujeito pensa, e, por vezes, deseja fazer na web escura, por si só pode torná-lo atemorizado pela presença de outros humanos, ainda mais assustados. Mesmo uma busca por informações comuns pode se fortalecer com um não lugar vazio para qualquer sujeito, a sensação é sempre de solidão, de um lugar de ninguém, vazio de sentimentos, um não lugar pós-moderno. Segundo Bauman (2001, p. 119), “Não lugares [...] desencorajam a ideia de ‘estabelecer-se’, tornando a colonização ou domesticação do lugar quase impossível”.

Quanto à liberdade de expressão ou de comunicação, tão fortemente existentes por meio das redes da *Darknet* e do acesso à Dark Web, Augé (2012, p. 107) brilhantemente enfatiza: “Encontrar o não lugar do espaço, um pouco mais tarde, escapar à opressão totalitária do lugar, será encontrar algo que se assemelha à liberdade”. Acredita-se que as possibilidades, principalmente para os ativistas na Dark Web, tragam a sensação de liberdade, de um ambiente livre.

Bauman (2001) disserta a respeito de lugares com espaços públicos em que a permanência não é desejada. Na Dark Web, que também é pública, a permanência não é desejada nem por quem desenvolve os ambientes e nem por quem ali trafega.

Na qualidade de um lugar muito perigoso, sujeitos estão sempre alerta aos riscos de consultar os conteúdos ilegais.

Os não lugares são também lugares fora do comum, alerta Bauman (2001). Os não lugares físicos, por exemplo, são construídos fora da cidade ou com o intuito de pertencer a uma realidade totalmente outra. Os não lugares na Dark Web também são assim porque estão localizados em ambientes muito diferentes da *web* visível ou da superfície e da *web* comum.

Bauman (2001) explica que não lugares podem possuir características de purificação, em que o visitante é seduzido pela ideia de segurança e conforto; e de comunidade, em que o sujeito tem a sensação de pertencer a uma comunidade específica. Sob a ótica do autor, os não lugares na Dark Web são purificados, uma vez que proporcionam segurança no acesso e nas transações, e conforto para agir como quiser. A sensação de pertencimento a comunidades também é verdadeira nos ambientes escuros, assim como é perceptível nas comunidades formadas pela rede Tor ou por quaisquer outras existentes às centenas na Dark Web.

Por fim, também em Augé (2012), os não lugares nunca estão prontos, são fugidios, são lugares apenas de passagem, em que a permanência não é desejada, características que, segundo Bauman (2001), cabem tão bem na Dark Web, um não lugar pós-moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciberespaço de Gibson (1991) a Lévy (1996, 2010) pode demonstrar inúmeras e incontáveis possibilidades para a pesquisa científica e para a composição do escopo da CI (ciência da informação). O ciberespaço, espaço virtual, vivo e fluido, no qual estão as dobras visíveis e invisíveis e a própria Dark Web, possibilita a desdobra de tantas *webs* e a Dark Web, abrindo um novo campo para pesquisa, seja em qual área do conhecimento for, como no caso da CI.

As dobras de Deleuze estudadas por Monteiro (2013) categorizam as camadas e/ou desdobras que o ciberespaço incansavelmente teima em formar. A *web* visível, da superfície ou indexável exibe dobras da *web* acessadas diariamente por *queries*, buscadas principalmente pelo Google. Páginas indexadas pelo Google e por outros mecanismos de busca convencionais deixam de indexar muitos conteúdos por diversas razões. Ao final, isso faz com que informações relevantes não sejam recuperadas.

No estudo das dobras invisíveis, aquelas que não são indexadas, foram conceituadas a *web* invisível ou *Deep Web*, com conteúdos que não são recuperados pela maioria dos mecanismos de busca da superfície; e a realmente invisível e profunda, a Dark Web, que se torna possível e localizável pela *Darknet* e sua internet clandestina e anônima, a qual trafega por redes como Tor, *Freenet* ou I2P.¹¹

Navegar anonimamente na rede, discutir a respeito de assuntos com pessoas específicas, não ser alvo de propagandas e, principalmente, de espionagem, formam o pacote de benefícios em navegar nas dobras escuras e na Dark Web. Quem deseja privacidade, quer uma navegação nas dobras escuras.

¹¹ Tecnologias de acesso à Dark Web.

Os não lugares, discutidos há algum tempo por Augé (2012) e Bauman (2001), também são evidenciados na Dark Web. A sensação em estar em um não lugar é evidente, porque não há formas de se fazer parte de seus lugares, que nunca serão um “lar”. Acredita-se que mesmo os sujeitos que ali estejam unicamente para atos criminosos também não considerem a Dark Web como um lugar de conforto. Esse raciocínio é imaginado porque quem costumeiramente navega pelo ambiente, mesmo para cometer crimes, estará sempre em alerta, com pressa, de passagem. Esses sujeitos não querem e não podem estabelecer quaisquer tipos de laços na Dark Web simplesmente porque podem ser presos, descobertos por alguém de seu convívio social ou pela polícia.

Na Dark Web, as múltiplas identidades dos sujeitos poderiam ser pesquisadas até mesmo por antropólogos, psiquiatras, advogados, entre outros profissionais, e em especial, pelos profissionais da informação, exatamente porque são identidades muito peculiares e distintas do que porventura elas o são na vida física. Na Dark Web, um sujeito pode possuir a identidade que quiser, ser uma pessoa muito diferente do que realmente é, características dos ambientes contemporâneos e da pós-modernidade. Como já escreveu Bauman (2001, p. 120), citando Benko (1997), “Jamais na história do mundo os não-lugares ocuparam tanto espaço”, e o ciberespaço multiplica ainda mais essa situação, com suas dobras e desdobras.

É sob a ótica do pós-moderno que a Dark Web e as dobras e desdobras do ciberespaço foram perscrutadas neste artigo. Todos os ambientes, em especial os virtuais, são objetos desafiadores para a pesquisa pós-moderna. Nada mais está pronto e é único, os objetos se polarizam e estão em estado de fluidez talvez impossível de acompanhar. Eventualmente por isso, objetos e pesquisas pós-modernas sejam tão necessários para compreender o sujeito pós-moderno e como ele age na sociedade atual.

A CI, ao lidar com informação e conhecimento, e com as formas de organizá-los e difundi-los, não pode estar aquém das dobras invisíveis do ciberespaço. Se assim for, a área padecerá por não estudar a maior parte do ciberespaço, em que de fato está a maioria das informações dispostas de forma virtual. Ainda que possua conteúdos ruins, em sua maioria ilegais, a Dark Web tem potencial para que muitas outras pesquisas sejam realizadas em seus ambientes por pesquisadores da CI. A diversidade temática e informacional da Dark Web e das dobras invisíveis do ciberespaço é, quem sabe, o mais novo desafio dos profissionais da informação, que precisam conhecer os caminhos que os levam até ela.

Espera-se que outros estudos acerca da Dark Web e de seus objetos sejam abordados na CI pós-moderna. A temática está lançada, e o anseio por outras pesquisas não cessará.

Artigo recebido em 03/03/2015 e aprovado em 15/04/2015.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANONYMOUS NETWORK (I2P). *Surface web, deep web*. 2013. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com/tecnologia/deep-web/>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

- ARAÚJO, J. P. *Invisível, oculta ou profunda? A web que poucas ferramentas enxergam*. 2012. Disponível em: <www.comunicar.pro.br/artigos/weboculta.htm>. Acesso em: 22 jan. 2014.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKETT, A. *The dark side of the internet*. 2009. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/technology/2009/nov/26/dark-side-internet-freenet>>. Acesso em: 27 abr. 2013.
- BERGMAM, M K. White paper: the deep web surfacing hidden value. *Journal of Electronic Publishing*, v. 7, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://quod.lib.umich.edu/cgi/t/text/text-idx?c=jep;view=text;rgn=main;idno=3336451.0007.104>>. Acesso em: 12 abr. 2013.
- BRANSKI, R. M. Recuperação de informações na web. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 70-87, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/351>>. Acesso em: 19 out. 2013.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, 1).
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- CHEN, H. *Dark Web: exploring and data mining the dark side of the web*. Nova York: Springer, 2012.
- CHEN, H. et al. Uncovering the Dark Web: a case study of Jihad on the web. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 8, n. 59, p. 1.347-1.359, 2008. Disponível em: <<http://www.w.icadl.org/intranet/papers/H%20Chen%20and%20W%20Chung%202008.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (Capes). *Portal de periódicos*. Disponível < <http://www.periodicos.capes.gov.br/> >. Acesso em: 2 set. 2013 e 14 mar. 2014.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Diretórios dos grupos de pesquisa no Brasil*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/>>. Acesso em: 9 set. 2013 e 14 jun. 2014.
- CREEPYPASTA WIKI. *Deep web*. [200-?]. Disponível em: <http://es.creepypasta.wikia.com/wiki/Deep_Web>. Acesso em: 18 dez. 2013.
- DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o barroco*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- EVERETT, C. Moving across to the dark site. *Network Security*, set. 2009.
- FIDÊNCIO, M. V.; MONTEIRO, S. D. Web invisível: compreendendo a invisibilidade no ciberespaço. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – SECIN, 5., Londrina, 2013. *Anais eletrônicos...* Londrina: Secin, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2013/secin2013/paper/view/107/102>>. Acesso em: 23 set. 2013.

FORD, N.; MANSOURIAN, Y. The invisible web: empirical study of cognitive invisibility. *Journal of Documentation*, v. 62, n. 5, p. 584-596, 2005.

FRANCO, D. P. Deep web: mergulhando no submundo da internet. *Revista Segurança Digital*, n. 10, abr. 2013.

THE FREENET PROJECT. *The free network*. Disponível em: <<https://freenetproject.org/>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

GIBSON, W. *Neuromancer*. Tradução de Maya Sangawa e Silvio Alexandre. São Paulo: Aleph, 1991. (Coleção Zenith, 5).

HIDDEN WIKI. Antigo endereço. Disponível em: <https://kpvz7ki2v5agwt35.onion.to/wiki/index.php/Main_Page>. Acesso em: 18 set. 2012.

_____. Novo endereço. 2014. Disponível em: <<http://zqktlwi4fecvo6ri.onion/>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

INFOBOX. *Deep web internet secreta e invisível*. 2012. Disponível em: <<http://infoxbox.com/pc-e-tecnologia/deep-web-internet-secreta-e-invisivel/>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

INFOESCOLA. *Fossa das marianas*. 2012. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/oceanografia/fossa-das-marianas/>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

L'HUILLIER, G. et al. Topic-based social network analysis for virtual communities of interests in Dark Web. *SIGKDD Explorations*, v. 12, n. 2, p. 66-73, 2010. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=1938615>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

LÉVY, P. *O que é virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *Plissê fractal: ou como as máquinas de Guattari podem nos ajudara a pensar o transcendental hoje*. 2010. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/pierrelevy/plissefractal.html>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

MONTEIRO, S. D. A dobra semiótica e os agenciamentos maquínicos: por uma ontologia das tecnologias da informação e comunicação. In: CERVANTES, B. M. N. (Org.). *Horizontes da organização da informação e do conhecimento*. Londrina: Eduel, 2012. p. 63-96.

_____. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito *Datagramazero*: revista de ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_03.htm>. Acesso em: 7 jun. 2013.

_____. Por uma cartografia conceitual da web invisível: a dobra oculta do ciberespaço. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 23, n. 3, p. 23-31, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/16512>>. Acesso em: 1 fev. 2014.

MONTEIRO, S. D. ; FIDÊNCIO, M. V. As dobras semióticas do ciberespaço: da web visível à invisível. *TransInformação*, Campinas, v. 1, n. 25, p. 35-46, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1786/1702>>.

Acesso em: 28 abr. 2013.

ORTIS Y LUGO, J. Você sabe o que é a *Deep Web*? 2013. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/video/voce-sabe-o-que-e-a-deep-web/32156>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004. (Comunicação).

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. (Comunicação).

SHERMAN, C.; PRICE, G. *The invisible web: uncovering information sources searches engines can't see*. Medford: Cyberage Books, 2001.

THE MATRIX. Direção de Lana Wachowski e Andy Wachowski. Produção de Joel Silver. EUA: Warner Bros, 1999. 1 DVD (136 min), color.

TOR PROJECT. *Anonymity online*. Disponível em: < <https://www.torproject.org/> >. Acesso em: 8 maio 2013.

YANBO, H.; HOROWITZ, E. Indexing the invisible web: a survey. *Online Information Review*, v. 9, n. 3, p. 249-265, 2005.